
Investigando os tipos de aderência política de estudantes universitários

Tarcisio Augusto Alves da Silva

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2010). Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: deescada@yahoo.com.br

Sidney Oliveira Santos Silva

Mestrando do programa de pós-graduação em Ciências sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS - UFRN). E-mail: sidney.oliveira.0@hotmail.com

Resumo

A participação política dos jovens tem sido objeto de atenção e interesse de vários campos das Ciências Sociais no Brasil, intensificada com as mobilizações de junho de 2013. Neste trabalho procuramos investigar o tipo de aderência política de estudantes universitários, considerando que é possível identificar, atualmente, formas de atuação política para além dos partidos políticos e sindicatos. A investigação foi realizada com aplicação de um questionário *on line* para uma amostra não-probabilística de 125 estudantes. Os resultados apontam que a referência permanente a atuação do movimento estudantil e dos diretórios acadêmicos continua se revelando como o lugar do fazer político dentro da Universidade.

Palavras-Chave: Participação; Política; Estudantes; Universidade.

Abstract

The political participation of young people has been the object of attention and interest in various fields of social sciences in Brazil, intensified with the mobilizations of June 2013. In this work we seek to investigate the type of political adherence of university students, considering that it is possible to identify , forms of political action in addition to political parties and trade unions. The research was carried out with the application of an online questionnaire for a non-probabilistic sample of 125 students. The results indicate that the permanent reference to the performance of the student movement and academic directories continues to be revealed as the place of political doing within the University.

Keywords: Participation; Politics; Students; University.

Introdução

Na história recente do Brasil temos presenciado diversos movimentos de cunho político e social a exemplo das manifestações de junho de 2013 (contra o aumento das tarifas de ônibus), os protestos de direita que se opuseram a realização da copa do mundo de futebol, as ocupações de escolas em São Paulo, etc. Esses eventos têm permitido a promoção de debates acirrados sobre o tema da participação política ao mesmo tempo em que intensificaram a inclusão desta temática na agenda social do País.

Um aspecto importante das manifestações é a grande quantidade de jovens que se fizeram presentes nelas fazendo com que eles assumissem uma posição de destaque, não apenas por seu protagonismo, mas também porque, segundo Alves (2014), embora pessoas de várias idades se fizessem presentes, foram os jovens que se colocaram como os principais atores sociais destes eventos.

Este fato, por outro lado, contrasta com um momento em que a apatia dos brasileiros pela política se torna mais evidente, se tomarmos como base a pesquisa do DataFolha (2014) que apontou que 57% dos brasileiros não exerceriam o seu direito de voto caso o mesmo fosse facultativo. Do mesmo modo, Costa (2012) observou ser perceptível o afastamento (sobretudo da juventude) dos cidadãos desta dimensão da vida política no Brasil.

Este descrédito, especificamente, com a política partidária revela outro aspecto da participação política em que as necessidades e demandas juvenis atuais são apresentadas de maneiras mais complexas e numerosas, fazendo com que seus interesses e motivações direcionem-se a outros campos. Se, parte das juventudes da década de sessenta, encontraram nos sindicatos, nos partidos políticos e na organização estudantil um campo fértil para influir nos rumos da sociedade, segundo Mutzenberg (2012), constata-se, contemporaneamente, a emergência de uma nova geração política que tem se distanciado das tradições de ação coletiva forjadas entre as décadas de 1970 a 1990.

O que se verifica no cenário sociopolítico atual é que os jovens têm se utilizado, cada vez mais, dos espaços e grupos envolvidos com arte, cultura, religião e meio ambiente para expressar sua participação política. Carvalho (2011) confirma esta percepção considerando que existem, hoje, múltiplos campos de ação política, havendo assim uma reformulação de fronteiras entre a esfera pública e privada, além de uma valorização dos grupos de cultura e identidade.

Neste cenário, a universidade pode ser concebida como um dos espaços onde se torna possível o desenvolvimento de formas tradicionais e alternativas de práticas políticas entre os jovens. Nela, estão presentes tanto os diretórios acadêmicos e os partidos políticos,

representantes das velhas formas de fazer política, quanto os diversos grupos alternativos de arte, cultura, música e meio ambiente. Partes destes grupos originam-se de projetos acadêmicos porém, ultrapassam os muros das universidades atuando em diversos setores da sociedade. Entretanto, a universidade foi, e continua sendo, palco privilegiado de muitas experiências onde a participação política de jovens se materializa em militância político-partidária e sindical. A questão a saber é: o que acontece hoje? Qual a tendência a participação política entre jovens universitários?

Sobre estas indagações, procuramos apresentar, neste trabalho, como esta dinâmica tem se revelado entre os estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco, a partir de uma pesquisa exploratória¹, realizada por meio de uma amostra não probabilística por cotas, que contaria, inicialmente, com 230 estudantes (com idade entre 18 a 29 anos) de diversos cursos, da unidade sede – campus Dois Irmãos, Recife. Para coleta dos dados foram utilizados questionários on-line, através do Google Docs. Os questionários foram respondidos pelos estudantes entre 30 de dezembro de 2014 a 07 de janeiro de 2015 permitindo, não só a sua aplicação através da Internet, mas também uma rápida sistematização das respostas dos pesquisados. Entretanto, alguns problemas, quanto a adesão dos estudantes ocorreu, uma vez que a pesquisa foi realizada virtualmente, reduzindo a amostra reduzida a 125 participantes².

Como produto deste trabalho de investigação objetivamos, aqui, discutir que formas de atuação política (tradicionalis ou alternativas) os jovens estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco são adeptos.

Nosso interesse, portanto, é o de compreender como os jovens estudantes têm participado politicamente, qual a proximidade dos pesquisados com os partidos políticos e sindicatos, e a qual a forma de atuação política que acreditam ser a mais importante para a transformação da sociedade.

Embora reconheçamos os limites metodológicos da pesquisa, do ponto de vista do tamanho da amostra, consideramos importantes os elementos apresentados ao longo do texto por apontarem um campo de possibilidades investigativas no que tange a realização de estudos futuros. No tocante a este processo, será possível verificar as diversas passagens em que apontamos a necessidade de aprofundamento do estudo, seja ampliando o escopo de investigação

¹ Consideramos esta investigação de caráter exploratório em vista da ausência de trabalhos que tomem como sujeitos de pesquisa os estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco e a temática que mobiliza este estudo.

² O total de estudantes matriculados nos cursos ofertados na sede da UFRPE em 2014 era 2.372, nesse sentido a amostra corresponde a 5,2%.

(ampliação da amostra, mudança do tipo de amostra e utilização de outros instrumentos de coleta de dados como, entrevista individual e o grupo focal), seja pelo levantamento de novas questões.

1 Cultura política: noções e práticas contemporâneas

Vários estudos estão sendo realizados procurando desmistificar muitos dos mitos construídos em torno da juventude brasileira. A exemplo disso, Novaes (2008) procura desconstruir a ideia de que os jovens atuais são mais alienados e menos interessados por questões sociais e políticas do que as gerações anteriores. Para ela, é necessária a desconstrução de um imaginário que coloca toda a juventude brasileira da década de 1960 como uma juventude revolucionária. O que invariavelmente tem ocorrido é a homogeneização de uma juventude, que nunca foi unitária anos de repressão política, o que evidencia, mais uma vez, a necessidade de se observar as orientações que os esforços que diversas pesquisas, documentos e leis sobre juventude tem demonstrado, ou seja, os jovens devem ser analisados em sua diversidade. Isto significa que eles são diferentes do ponto de vista das suas experiências, do tempo histórico, da cultura, da classe social, da cor e das formas pelas quais são socializados.

Para Minayo e Boghossian (2009), contemporaneamente, os jovens que possuem algum interesse pela política têm sido vislumbrados com uma maior variedade e possibilidades de atuação política. Isto fica claro se considerarmos que a atuação de muitos jovens vem se realizando focalizando, muito mais, aspectos relativos a questão social do que aqueles atinentes a política partidária, nos permitindo pensar que se encontra em ebulição uma nova cultura política vivenciada pelas diversas juventudes. Neste percurso é perceptível, também, um reavivamento do movimento estudantil brasileiro que protagonizou, ou se fez presente, em boa parte das ações contestatórias que se tem verificado no Brasil contemporâneo.

No que diz respeito a ampliação do leque de participação política entre os jovens, esta tem sido discutido por vários pesquisadores e pesquisadoras: Krischke (2004), Novaes (2008), Minayo e Boghossian (2009) e Carvalho (2011). Nesta linha de pensamento Castro (2008) considera que é preciso questionar a noção de “participação política” restrita a ação, quando engajada com mecanismos estabelecidos nas formas de partidos políticos e agremiações parapolíticas (organizações estudantis, sindicatos). O fazer dos chamados “novos movimento sociais” torna-se uma experiência em que uma nova cultura política é construída em interface com elementos de identidade, de ecologia, de desigualdades e diferenças que sustentam formas de se fazer política, que embora se entrecruzem com a política partidária e a luta de classe não tem nelas sua principal ancoragem.

Isto quer dizer que o sentido da política embora esteja associado a ideia de poder, como propõem Bobbio, Matteucci e Pasquino (1986)³, também pode ser entendido de maneira ampla como observado por Paro (2002:15), ao afirmar que: “Este refere-se à atividade humano-social com o propósito de tornar possível a convivência entre grupos e pessoas, na produção da própria existência em sociedade”. Seria então, na direção do primeiro entendimento que poderíamos pensar o conceito de cultura política.

Segundo Krischke (2000), a cultura política deve ser pensada e construída através da história, uma vez que ela é afetada pela bagagem cultural e modelada pelas situações vividas por uma determinada sociedade no curso de sua modernização. Para ele, a cultura política é condicionada pelos fatores estruturais das relações entre as classes, de forma que a cultura política muda de acordo com as dinâmicas e transformações estruturais, tecnológicas e culturais.

Assim, o conceito de cultura política deve ser visto como um constructo amplo, mais heterogêneo do que homogêneo, fugindo assim de categorizações e normatizações de formas de se enxergar e praticar a política.

Para Castro (2008) surgem na atualidade novas possibilidades de transformação social, fruto da participação política dos jovens capazes de abrir novos horizontes, fazendo com que seja possível a compreensão de um conceito de cultura política elaborado de acordo com o contexto histórico e cultural atual.

Pensando sobre a ótica da diversidade de formas de participação política, coloca-se como essencial discutir a construção do conceito de cultura política sobre o crivo da realidade local influenciada pelas subjetividades e pelo sentimento de coletividade e pertencimento dos jovens brasileiros. Toma-se, assim, como pressuposto que as diferentes formas de participação política são representações de uma cultura política juvenil constantemente construída através das questões sociais e políticas locais.

Com isso, entende-se que surgem hoje novas esferas e campos de atuação e expressão política que contribuem, muito positivamente, como alternativas de participação política da juventude, sobretudo, pelo fato de que muitos desses espaços também funcionam como *locus* de ratificação tanto da diversidade cultural, quanto da realidade social dos jovens brasileiros. O que se coloca como primordial, é a legitimação desses espaços como lugares alternativos e contemporâneos de se fazer política na sociedade.

Talvez por isso, para Norris (2007) os trabalhos que se limitam a investigar formas tradicionais de participação produzam uma visão superficial da realidade quando desconsideram

³ “Poder como forma de atividade ou de práxis humana, está estreitamente ligado ao de poder” (1986, p. 954-955).

outras formas de engajamento caracterizadas por fronteiras mais difusas, por novos temas de interesse social e pela informalidade. Neste sentido, as formas de participação política emergentes se vinculam às políticas orientadas por causas, o que implica dizer que buscam alterar padrões de comportamento e não são apenas dirigidas aos parlamentares. Embora, ao tratarmos de um estado de direito, as demandas oriundas destes comportamentos e das causas que os orientem devam chegar ao debate parlamentar, estas se distinguem, justamente, por sua maior autonomia e por vislumbrarem estratégias e horizontes mais diferenciados do campo da participação política tradicional.

2 Participação e engajamento sociopolítico de estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco

Considerando que para Carvalho (2011), tem ocorrido um processo de ampliação do leque de possibilidades de atuação social e política dos jovens, acreditamos que a relação entre a juventude e os espaços de participação política tem se tornado uma temática de considerável discussão nos estudos sociais e políticos no Brasil. Ademais, a análise da juventude como categoria social tem recebido uma atenção especial dos estudiosos brasileiros em especial das Ciências Sociais, nos últimos anos, e se aguçou após as manifestações de junho de 2013, onde os jovens trouxeram à tona, mais uma vez, o seu protagonismo político.

Com efeito, os eventos ocorridos naquele período, e as manifestações contra a copa do mundo, elevaram os jovens manifestantes a uma posição de destaque, do ponto de vista da mídia e dos debates acadêmicos, ratificando a ideia de que a juventude se coloca como um importante objeto de estudo no processo de entendimento dos fenômenos sociais e políticos contemporâneos. Neste sentido, ao buscarmos identificar os campos e formas de atuação política dos jovens estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, reforçamos a necessidade de um levantamento de dados capaz de fomentar uma análise da relação entre os jovens e os espaços de afirmação, pertencimento e desenvolvimento da vida política dentro e fora da universidade. Cabe lembrar que a história política dos jovens estudantes universitários de Pernambuco nos remete a fatos e acontecimentos que evidenciam uma forte participação política da juventude universitária associada a partidos políticos, sindicatos, movimentos estudantis e associações de bairro.

No caso específico dos estudantes da UFRPE existe uma histórica relação com movimentos políticos contrários a ditadura da década de 1960, mesmo a Universidade possuindo

uma tradição bastante conservadora do ponto de vista de sua orientação institucional⁴ e dos cursos clássicos que fundaram esta instituição (Agronomia, Veterinária e Zootecnia)⁵. Essa contradição permitiu com que a universidade se tornasse um celeiro de diversas lideranças que participaram do movimento estudantil, neste e noutros períodos, como Odijas de Carvalho⁶ (estudante de Agronomia), Sezario Silva, o paraibano Anísio Soares Maia, militante do PCR (Partido Comunista Revolucionário) que foi preso, torturado e suspenso de estudar na UFRPE, e Múcio Magalhães que estudou Medicina Veterinária na UFRPE e foi vereador em Recife pelo Partido dos Trabalhadores - PT (Pernambuco).

Recentemente a pesquisa 100 anos de participação estudantil na UFRPE desenvolvida, desde 2013, pelo professor Paulo Afonso Barbosa de Brito tem resgatado parte desta história e revelado como o movimento estudantil, oriundo destes cursos participou ativamente da vida política no estado. A participação dos estudantes se destaca em cinco períodos significativos que se entrelaçam com a fundação e desenvolvimento da UFRPE e dos demais períodos da história do Brasil pós-ditadura. São eles: 1) O "período beneditino"⁷ à estatização da Universidade (1914 a 1937), caracterizado por um movimento estudantil de cooperação e negociação; 2) Participação e Reforma Universitária como parte das Reformas de Base em período de democratização (1945 a 1964); 3) Os estudantes da UFRPE durante a ditadura militar (1964 a 1984); 4) Participação Estudantil e Abertura Política; 5) Movimento Estudantil - dilemas e perspectivas na atualidade.

Assim, se a participação política de jovens foi uma marca do movimento estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco desde sua fundação, como isto tem ocorrido, na atualidade, face às transformações em processo nas universidades públicas como: a interiorização, abertura de novos cursos (presenciais e a distância), ampliação de vagas, a diversificação do público atendido, novos intercâmbios e do comportamento político dos seus estudantes?

No que tange a pesquisa com jovens estudantes da UFRPE, em dos primeiros aspectos a destacar na investigação é, aparentemente, uma tendência a descrença no sistema político quando os pesquisados foram indagados se possuíam alguma filiação político-partidária. Da amostra

⁴ O trabalho de Mota (2008:39) mostra como a Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Educação e Cultura (DSI/MEC), órgão que fornecia informações das universidades para o regime militar elogiou, em 30/5/72, a UFRPE e outras instituições, "dando a entender que vinham atuando com mais eficiência que as outras" na tarefa de auxiliar o regime.

⁵ Cursos, em geral, com ênfase no agronegócio como a produção de cana-de açúcar, por exemplo.

⁶ Odijas Carvalho foi um "líder estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e um importante militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) que seria cruelmente torturado por agentes da ditadura" (FERREIRA, 2014).

⁷ Esse período faz referência às origens da Universidade Federal Rural de Pernambuco a partir da Escola Superior de Agricultura, em 1912, sob a direção dos padres beneditinos.

investigada 93% respondeu negativamente. Contudo, tal dado não pode analisado como uma repulsa aos partidos políticos em geral, uma vez que se torna necessário um aprofundamento dos dados, tendo em vista que muitos jovens podem estar participando politicamente de algum partido, entretanto não estejam oficialmente filiados. É possível ainda, indagar, para além da filiação partidária, se há, e qual ou quais, partidos políticos estes estudantes seriam simpatizantes. Deste modo, a operacionalização de tais questões no prosseguimento da investigação pode nos permitir a compreensão de um maior, ou menor, descrédito em torno do atual sistema político, sobretudo a partir da perspectiva das juventudes.

Por outro lado, um aspecto que permite a compreensão desse elevado número de jovens não filiados a algum partido político, pode ser o fato de que a maioria dos filiados a partidos políticos dedicam tempo e esforço diário para o fortalecimento e consolidação da instituição, tempo este quase sempre escasso na vida dos jovens estudantes universitários. Talvez por isso, Melluci (1997) analise que a natureza precária da juventude coloca para a sociedade a questão da falta de tempo na sociedade moderna. Diante disso, a participação juvenil em algum partido político se torna um tanto quanto inviável, uma vez que 63% dos pesquisados precisam conciliar os estudos com algum tipo de atividade remunerada. Além disso, poderíamos indagar se as marcas da precarização e a formação de um precariado no Brasil se colocam como uma variável importante a ser investigada na relação entre política e trabalho.

Neste processo, não se há de desprezar a apatia e aversão à política partidária se levarmos em conta pesquisas de opinião que tem demonstrado o descontentamento com a democracia representativa e os escândalos que tem figurado, com frequência, as páginas de noticiários brasileiros, desde 2014.

A baixa associação em relação às instituições da antiga tradição do fazer político é verificada na pesquisa quando 91% dos jovens afirmam não possuir qualquer ligação com sindicatos ou órgãos de classe, mesmo considerando que 63% deles exercem algum tipo de atividade remunerada⁸. Entretanto, o mesmo fenômeno se mantém quando indagados se participam de associações de bairro, evidenciando uma não-participação de 86% dos pesquisados.

Embora a baixa participação continue a ser registrada, seu percentual se reduz quando os estudantes são questionados se participam de alguma atividade de militância em movimento político, social, ambiental e cultural, atingindo um total 66% dos estudantes. Neste percurso,

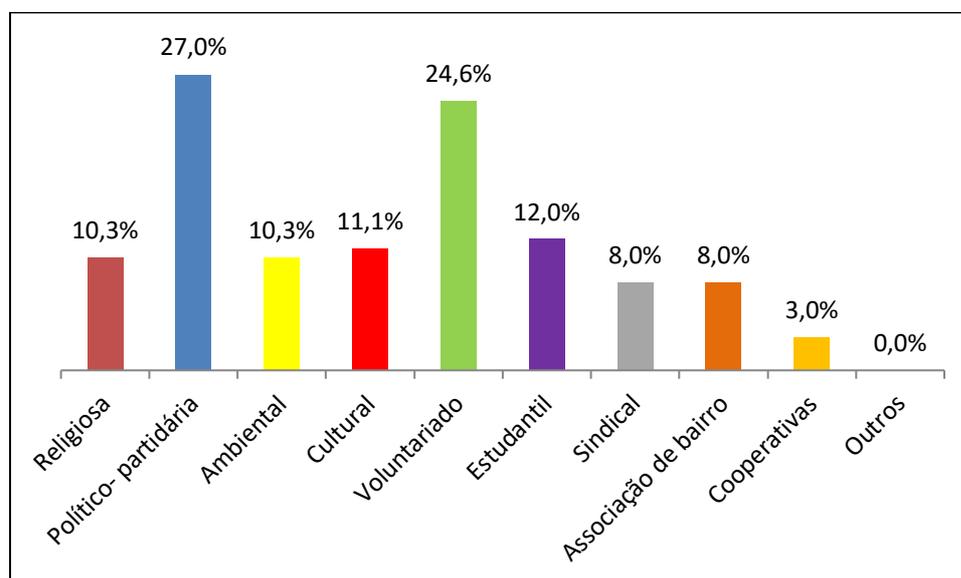
⁸ Deve-se verificar de forma pormenorizada a que se refere a atividade remunerada, uma vez que está pode está sendo exercida em empresa familiar, no exercício de autônomo ou como trabalhador.

podemos observar um considerável aumento de respostas positivas quando comparadas com as anteriores. Vale aqui lembrar que esta pergunta, além da participação política, também abarca a relação com movimentos de ordem social, cultural e ambiental, ou seja, o número daqueles envolvidos em algum destes coletivos comporta 34% dos pesquisados.

A referência negativa a participação dos estudantes começa a ser alterada quando analisamos seu envolvimento em alguma atividade social, assistencial ou de voluntariado, à medida que 51% deles afirmaram participar de alguma destas atividades. No entanto, embora a vinculação político-partidária se apresente distante dos interesses e das experiências dos pesquisados, nota-se que eles possuem uma consciência de que a forma de atuação política mais importante para a transformação da sociedade é ainda a político-partidária. Isto nos faz intuir que os pesquisados não desconsideram o estado de direito e o funcionamento do sistema político, mas que o ascendente descrédito em torno dele, por parte deste grupo, é um fenômeno que coloca em xeque as instituições e o modelo que se tem vivenciado.

O gráfico 1 procura ilustrar as formas de atuação política consideradas mais importantes para a transformação da sociedade pelos estudantes.

Gráfico 1 - Forma de atuação política considerada mais importante para a transformação da sociedade



Fonte: Os autores.

Como se observa a ação político-partidária é ainda o caminho reconhecido pelos estudantes como capaz de realizar transformações sociais. Depois dela aparece o voluntariado e o movimento estudantil, cultural, e o religioso e ambiental respectivamente acenando para outros campos que se identificam.

Uma hipótese a ser construída, a partir deste dado, é a de que os jovens possuem a compreensão de que a democracia necessita de certas instituições para existir. Além disso, a legitimação das demandas sociais ao serem canalizadas por parlamentares ratifica a existência de um estado de direito constituído e reconhecido pelos cidadãos.

Por outro lado, este é um aspecto a contrastar com a forma de participação nas manifestações de junho de 2013, onde havia uma repulsa declarada aos partidos políticos que provocou desentendimentos entre participantes que estavam presentes nas passeatas. Uns portando camisetas e bandeiras de partidos, e outros recriminando a propagação da imagem dos partidos, defendendo um movimento político apartidário.

3 Participação política dos jovens estudantes na Universidade

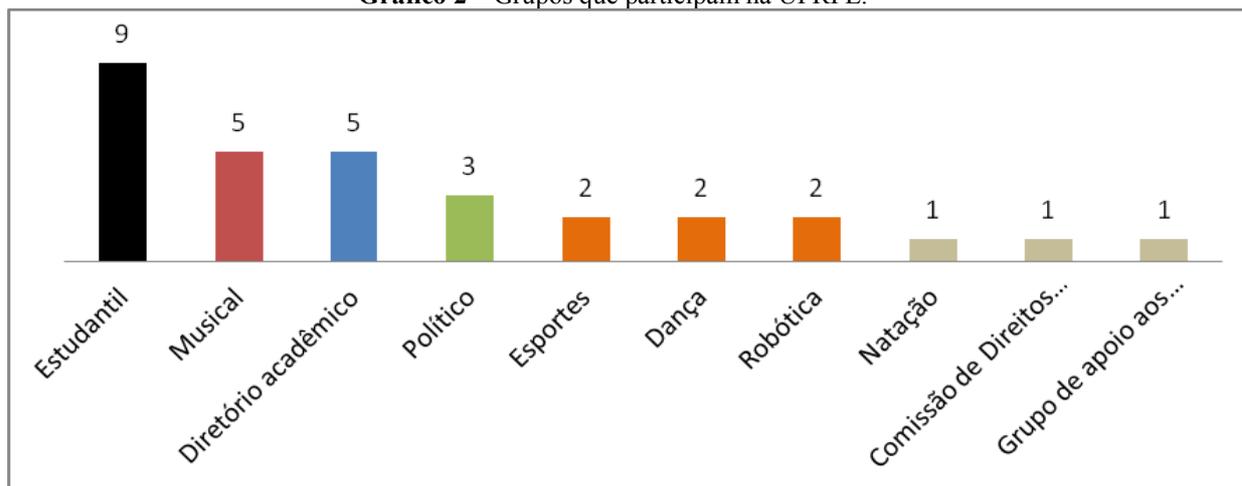
A escolha da universidade como local da pesquisa, se se justifica porque a mesma possui espaços que possibilitam a participação política dos estudantes nas duas formas de atuação abordadas nesse estudo. Facilmente visualizamos tanto as formas tradicionais, representadas pelos partidos políticos, órgãos de classes, sindicatos e associações, como às formas alternativas, os grupos de música, arte, dança, defesa ambiental, apoio social.

Neste sentido, sobre o fazer político dos jovens estudantes dentro da universidade, perguntamos aos pesquisados se estes participavam de algum grupo na UFRPE. **62%** deles afirmaram não participar, enquanto que o restante da amostra, **38%**, declarou ter participação de algum grupo universitário.

Os cinco grupos mais citados pelos estudantes pesquisados foram, respectivamente: Estudantil (6,87%); Musical (3,81%); Diretório acadêmico (3,81%); Político (2,29%); Esportes (1,52%). Os grupos de dança e robótica também foram mencionados por dois estudantes, igualando-se ao número de respostas dadas aos que responderam os Esportes.

Natação, Comissão de Direitos humanos e Comissão de apoio aos animais abandonados também foram mencionados, por apenas um estudante, (0,76%), como podemos visualizar no gráfico 2.

Gráfico 2 – Grupos que participam na UFRPE.



Fonte: Elaboração própria.

Pelo que se verifica a participação dos pesquisados em movimentos de caráter estudantil se sobressaiu no número de respostas. Assim, a primeira vista, observa-se uma certa preferência destes jovens para com estes grupos e espaços juvenis.

A existência de espaços que possibilitam a atuação política dos estudantes é reconhecida por 48%. Por outro lado, o que chama atenção neste dado é a quantidade de jovens (43%) que afirmaram não conhecer um único espaço dentro da universidade em que seja possível atuar politicamente, sobretudo porque os Diretórios acadêmicos são grupos bastante atuantes na vida acadêmica da UFRPE.

No entanto, entre os espaços reconhecidos de participação política os diretórios acadêmicos destacam-se (73%) como os mais reconhecidos seguidos de grupos jovens (6%) e da frente popular da juventude (6%). O que se evidencia por meio da leitura dos dados é que as antigas tradições de participação permanecem como espaços de referência da atuação política dos estudantes. Este fato é reforçado com a disposição a participar em que os diretórios de estudantes, o movimento estudantil e os movimentos sociais são apresentados como espaços privilegiados de ocupação da participação juvenil.

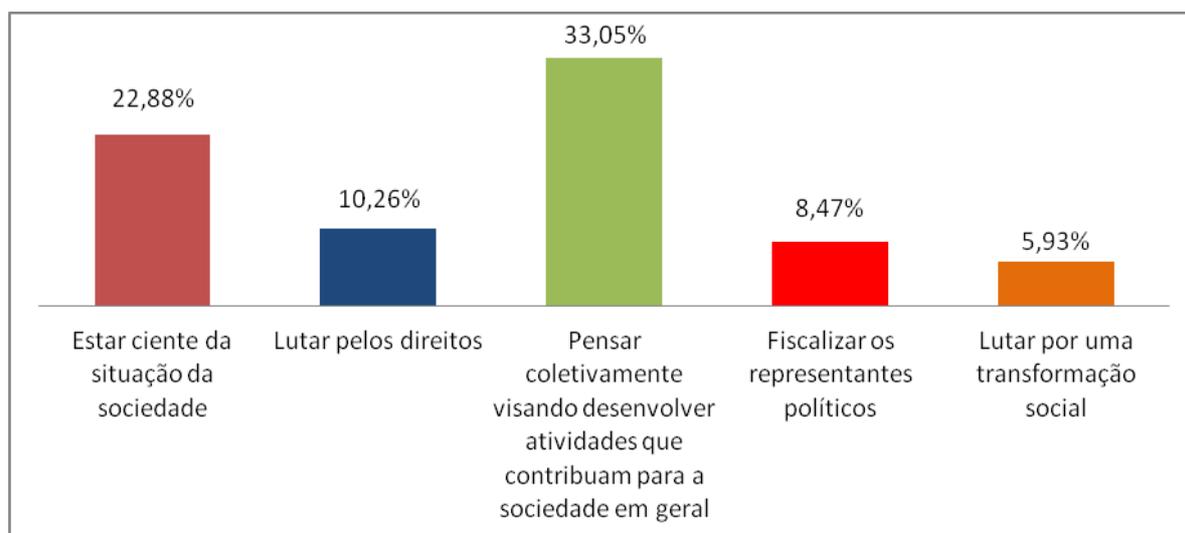
Ora, se entre os pesquisados de um público tão específico como os estudantes universitários a indicação dos diretórios acadêmicos continua se revelando como um espaço distintivo da participação política dos jovens, a ideia de uma nova cultura política só pode ser entendida, neste caso, a partir não da construção de novos espaços onde a sociabilidade política seria estruturada, mas da renovação e questionamento que o próprio movimento estudantil estabelece do fazer político de outras instâncias tradicionais como o partido político e os sindicatos.

Isto quer dizer que se os espaços de atuação do movimento estudantil continuam sendo citados como referência de participação jovem podemos considerá-lo como um locus de atuação “tradicional”⁹. Neste caso, sua renovação se faz pelo questionamento as antigas formas do fazer político que se localizam no espaço de legitimação de direitos, a exemplo daquilo que é possibilitado com a mediação dos partidos políticos.

A essa altura cabe-nos aqui apresentar o que os estudantes pesquisados entendem por *participar politicamente*, haja vista que já discutimos, anteriormente, que a política pode ser entendida de forma ampla ou balisada pelas relações de poder.

A partir destas premissas é possível visualizar, nas opções indicadas pelos estudantes, que o entendimento que boa parte dos pesquisados fazem deste ato situa-se na compreensão da política como um fenômeno para além do campo político-partidário.

Gráfico 3 – O que significa participar politicamente.



Fonte: Elaboração própria.

Analisando o gráfico 3, percebemos que as duas respostas mais citadas pelos entrevistados dizem respeito a um tipo de participação não prática, ao que nos parece uma forma de participação cognitiva, uma vez que nas duas respostas estão presentes palavras como estar ciente, pensar coletivamente. Somando essa duas respostas, temos o total de 55,93% de indicações que se distanciam de uma participação política efetivamente prática.

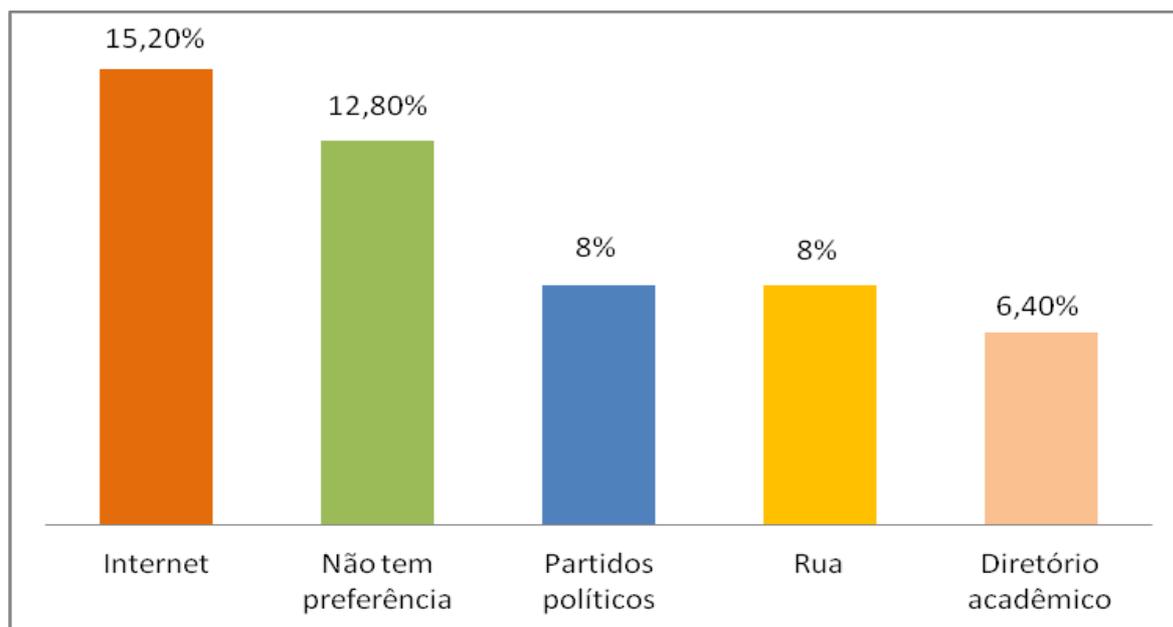
A possibilidade de atitudes mais efetivas se apresenta nas respostas seguintes, como lutar pelos direitos, fiscalizar os representantes e lutar por uma transformação social. Apesar

⁹ O tradicional, neste caso, não está sendo pensado de maneira pejorativa, mas como algo que se conserva, se mantém.

destas indicações apontarem para ações genéricas, percebe-se uma lacuna entre uma participação política cognitiva e uma participação política efetivamente prática que ultrapassa o plano mais direto das ideias e se efetiva por meio de experiências mais atitudinais.

Explorando o campo das experiências mais atitudinais o gráfico 4 apresenta os espaços onde, preferencialmente, as ações do fazer político ocorrem.

Gráfico 4– Espaços do fazer político.

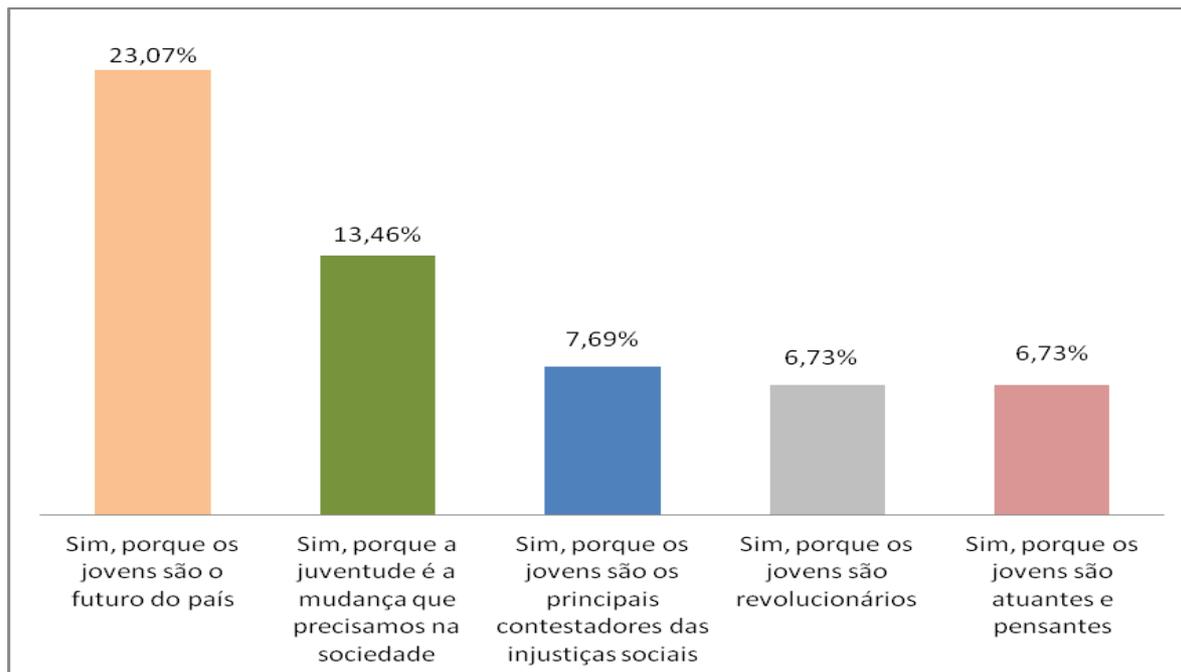


Fonte: Elaboração própria.

Como podemos visualizar no gráfico acima, a internet desponta como um espaço do fazer político entre 15,20% dos jovens. Além dessa questão o gráfico também aponta para um dado interessante que é o fato de 12,80% dos jovens estudantes afirmarem não ter preferência, sendo esta a segunda opção mais citada, indicando um fazer político mais difuso. Os espaços mais comuns de participação política a rua e os partidos políticos foram citados por 8% dos pesquisados enquanto que o diretório acadêmico aparece como espaço de preferência de 6,40% dos jovens estudantes.

O gráfico 5 traz as respostas dos pesquisados quando indagados pela seguinte questão: “Na sua opinião, a participação política da juventude na sociedade é importante? - Por quê?” .

Gráfico 5 – Se a participação política da juventude é importante, com justificativa.



Fonte: Elaboração própria.

Analisando o gráfico 5, é possível perceber que as cinco respostas mais citadas pelos pesquisados são afirmações que elevam a juventude a uma posição de destaque social quando a questão é mudança, transformação e revolução. Todas as respostas dos pesquisados, de certa forma, refletem a introjeção por parte dos jovens pesquisados do mito da Juventude Branca, onde segundo Cécilia Braslavky (1986), criou-se na sociedade a ideia de que os jovens são os responsáveis pelo salvamento da humanidade, pelo futuro da nação, pela resolução dos problemas da humanidade.

Podemos constatar que até os jovens compartilham desse mito, uma vez que todas as cinco principais respostas dos pesquisados apontam a juventude como o grupo social capaz de melhorar a sociedade.

O que se coloca como primordial é olhar para os jovens não apenas como super-heróis mas, principalmente, dialogar com as suas necessidades, questões e demandas de forma que a juventude não seja apenas pensada como o futuro, mas sim como o presente do Brasil. Para isso, é necessário que haja tanto o fortalecimento dos espaços já existentes de atuação política, quanto a criação e legitimação de novos campos de mediação na vida social e política da juventude, mas que não são reconhecidos como espaços legítimos de participação.

Considerações finais

O presente estudo, ainda que limitado a lógica da pesquisa exploratória, nos permite verificar que entre parte dos estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco a ideia de novos espaços de participação política juvenil ainda é um campo a ser explorado, seja do ponto de vista da prática social destes sujeitos, seja de uma investigação que procure entender como a participação dos estudantes ocorre dentro e fora de instituições de ensino superior.

Mais do que certezas a investigação nos possibilitou o diálogo, inicial, com uma realidade que pode ser assumida a partir de uma agenda de pesquisa para a sociologia da juventude, em um esforço que habita na necessidade de apreender e compreender as motivações de participação juvenis nos espaços da política.

O que se ratifica neste estudo é um entendimento de que nossas antigas tradições representativas, como os partidos políticos e os sindicatos, podem dar poucas respostas aos questionamentos e demandas advindas dos jovens que advogam espaços de participação para além destas antigas tradições.

Por outro lado, a referência permanente a atuação do movimento estudantil e dos diretórios acadêmicos continua se revelando como o lugar do fazer político dentro da Universidade.

No campo específico desta atuação a internet tem se mostrado como um lugar estratégico de visibilidade do fazer político, expressando o quanto, a geração Z (nascidos após a década de 90) se encontra confortável ao se apropriar dos mecanismos e linguagem digital.

Por outro lado, embora vários autores tenham indicado a existência de diversos campos de atuação política da juventude, em detrimento a sua repulsa as antigas tradições políticas, a pesquisa conseguiu identificar a presença de jovens nestes espaços de maneira, ainda, incipiente. Ao mesmo tempo, considerando a experiência de vivência em um sistema político democrático, se percebe que a juventude apesar de demonstrar descontentamento com a atual estrutura política, sob a qual está condicionado o sistema político, reconhece que os partidos políticos são uma forma de atuação importante para a transformação da sociedade, seguida da ação do voluntariado.

Essa baixa identificação de espaços de atuação política apresentada pelos pesquisados nos faz indagar: faltam espaços, dentro da Universidade, que favoreçam a participação política dos estudantes para além daqueles tradicionalmente consolidados como os diretórios acadêmicos? Esta tendência a inclinação política mais "tradicional" aponta para ausência de espaços de

cultura, grupos de debate ambiental, religioso e de identidade provocada pela falta de políticas internas que propiciem o estabelecimento destes espaços, por parte da administração superior?

Enquanto isto não pode ser respondido o que se verifica, portanto, é um distanciamento entre os espaços que os estudantes consideram importantes e aqueles que, de fato, são ocupados por eles dentro do campus.

Referências bibliográficas

ALVES, Giovanni. *A derrelição de icaro*. BOITEMPO, Junho, 2014. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/category/colunas/giovanni-alves>. Acesso em: 28 set. 2014.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 3. ed. Brasília: UnB, 1986.

CARVALHO, Isabel Cristina. Ambientalismo e juventude: o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea. In: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (Org). *Juventude e Sociedade Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Graphium Editora, 2011.

CASTRO, de Lúcia Rabello. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rsp/article/view/13910> Acesso em: 29 set. 2014.

COSTA, J. B. A. Notas Teóricas sobre Juventude e Participação Política. In: COELHO, Maria Ivonete Soares; SOUZA, Cinthia Simão de; SILVA, Hiago Trindade de Lira; COSTAL, Vilsemácia Alves (Orgs.). *Serviço Social e Criança e Adolescente: a produção do conhecimento na FASSO/UERN (1990/2011)*. Mossoró: UERN, 2012, v. 1º, p. 183-196.

DATAFOLHA, Instituto. *Voto Obrigatório 7 e 8/05/2014*. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/05/12/voto-obrigatorio-site.pdf> . Acesso em: 21 set.2014.

FERREIRA, Maicon Mauricio Vasconcelos. *Nos interstícios do golpe: resistência da juventude em Pernambuco à ditadura civil-militar brasileira (1964-1972)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós Graduação em História, Recife, 2014.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude – Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

KRISCHKE, Paulo. Perfil da juventude brasileira: questões sobre cultura política e participação democrática. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis – PPGICH UFSC – Vol.01, nº 2*, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/636/10765> Acesso em: 16 dez. 2014.

MINAYO, e BOGHOSSIAN, C. O. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Revista Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.18, n.3, p.411-423, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n3/06.pdf> Acesso em: 13/09/2014.

MUTZENBERG, Remo. Movimentos sociais no Brasil: sentidos, desafios e perspectivas contemporâneas. In: *III Conferência Internacional do IESE “Moçambique: Acumulação e Transformação em contexto de Crise Internacional”* 4 e 5 de setembro de 2012. Disponível em: http://www.iese.ac.mz/lib/publication/III_Conf2012/IESE_IIIConf_Paper26.pdf Acesso em: 30 set. 2014.

NORRIS, P. *Democratic phoenix: political activism worldwide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

NOVAES, Regina. *Juventude, juventudes. Jovens das “classes C, D e E” frente aos dilemas de sua geração*. In: Ministério da Cultura - Programa mais cultura audiovisual - FicTV - 2008. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/audiovisual/ficTV/files/2008/12/juventude-juventudes.pdf> Acesso em: 16 dez. 2014.

SILVA, M. Aparecida Soares; FERREIRA, M. Da luz Alves. Participação juvenil em grupos de arte e cultura e contemporaneidade. Disponível em: *Anais do IV JUBRA – Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades*, Belo Horizonte, junho. 2010.

KRISCHKE, P. J. (Org.) *Ecologia, juventude e cultura política: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do Cone Sul*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.

INGLEHART, R. The renaissance of political culture. *American Political Science Review*, v. 82, n. 4. p. 1203-1229, 1998. Disponível em: http://www.academia.edu/2814169/The_renaissance_of_political_culture Acesso em: 17 dez. 2014.

PARO, Vitor Henrique. Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n. 2, p. 11-23, Julho 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n2/a02v28n2.pdf>. Acesso em: 07 Mai 2015.